

sobre tudo

PAULO FREIRE FORA DE CONTEXTO: DIAGNÓSTICO DE UMA CRISE NA PEDAGOGIA BRASILEIRA E A RECUPERAÇÃO DE ALGUNS CONCEITOS E DISTINÇÕES FUNDAMENTAIS

Leonardo Schwinden¹

ROCHA, Ronai. **Quando ninguém educa**: questionando Paulo Freire. São Paulo: Ed. Contexto, 2017.

Trata-se da mais recente publicação do professor Ronai Rocha, da Universidade Federal de Santa Maria e autor de Ensino de Filosofia e Currículo, publicado em 2008. Há anos pesquisando sobre questões relativas ao currículo escolar, o autor avalia que, no Brasil, estamos vivendo uma crise em nossa “cultura curricular” e mesmo, uma crise pedagógica generalizada, resultante, entre outros fatores, do abandono ou falta de ênfase

¹ Doutor em Filosofia pela UFSC, Professor de Filosofia do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: leonardoschwinden@hotmail.com

em pesquisas sobre o currículo e didática em favor de pesquisas sobre aspectos sociológicos e políticos da pedagogia.

Ronai Rocha afirma que o giro político da Pedagogia foi importante no final dos anos 1970 e meados dos anos 1980. Naquele contexto, segundo o autor, a Pedagogia não podia ficar indiferente às prementes questões políticas, bem como, aos desafios da inclusão escolar, iniciada com a abolição do exame de ingresso do ginásio. Mas, se de um lado essa guinada resultou em ganhos na formação da consciência política do educador, por outro lado, produziu “perdas no campo das pesquisas relacionadas à transposição didática e metodologia de ensino”.

O autor aponta que esse déficit foi ainda mais generalizado nos departamentos voltados à formação de professores. Diz ele que o trabalho formativo nos cursos de licenciatura, feito diante de um horizonte de baixa empregabilidade e de reduzidas perspectivas salariais, pouco se adensou. As licenciaturas foram vítimas, aponta o autor, de uma esquizofrenia institucional. De um lado, os assim chamados "departamentos de conteúdo" se dedicaram à corrida pela profissionalização. De outro, os "departamentos de educação" mergulharam em temas de Sociologia educacional. "Os cursos de licenciatura cada vez mais se travestiram de bacharelados e voltaram-se para a pós-graduação do setor, que recém-surgia". Durante todo esse tempo, segundo o autor, houve um esquecimento, abandono, e até, desprezo pelas “questões miúdas” relacionadas com a didática como a definição dos objetivos educacionais e conteúdos curriculares. É um dos fatores que ajuda a explicar a dificuldade recentemente vivenciada: a elaboração da Base Nacional Curricular.

Com relação ao título do livro: **Ninguém educa ninguém**: questionando Paulo Freire, à primeira vista, parece que estamos diante de uma nova crítica ao autor de Pedagogia do Oprimido, na esteira do livro organizado por Thomas Giulliani

Desconstruindo Paulo Freire. Aliás, a similaridade com este livro não se restringe ao título, mas inclui o aspecto gráfico da capa. Entretanto, as semelhanças terminam por aí. O livro de Ronai é menos uma crítica a Paulo Freire - ainda que ela ocorra - do que uma crítica à leitura "descontextualizada" e "anacrônica" das ideias desse autor, conforme vamos ver.

Com relação a Paulo Freire, Ronai dedica um capítulo para uma análise da Pedagogia do Oprimido, tendo em vista a importância que esta obra adquiriu no contexto da Pedagogia brasileira e mesmo, fora dele. Ronai relata que ficou surpreso ao perceber que a obra, que segundo ele teve sua importância em um determinado momento e contexto político brasileiro - é lida e aplicada atualmente "de forma distorcida e projetada para fora de seu horizonte de expectativas".

O autor argumenta que através de uma leitura atenta de todo o livro Pedagogia do Oprimido - não apenas o segundo capítulo como se costuma fazer - é possível perceber que as ideias defendidas por Freire não foram designadas para serem aplicadas na educação de crianças, e sim, para descrever o tipo de relação que os "agentes revolucionários" deveriam manter com os setores populares, evitando-se o "dirigismo" e o "verticalismo" típicas do revolucionário que "manipula os educandos". É nesse contexto, em que agentes revolucionários envolvidos com o processo de alfabetização de adultos, que se insere a expressão devida à Mao Tse Tung e repetida no livro de Freire de que "ninguém educa a ninguém", ou seja, um adulto não deve querer educar ou dirigir outro adulto.

Também é nesse contexto que se deve entender, segundo Ronai, outra noção famosa, a noção de "educação bancária". Aplicá-la fora do âmbito original, estendendo-a para a educação básica, como ocorreu posteriormente, implica em negligenciar ritos e aspectos que são fundamentais na educação.

Ritos que incluem inevitavelmente um processo de aquisição e transmissão, mas obviamente, não se restringem a eles.

Conforme irá desenvolver em outras partes do livro, a educação é uma atividade inevitavelmente conservadora - no sentido de conservação da cultura acumulada pela humanidade - e a adoção descontextualizada da proposta Freireana é algo que, segundo Ronai, pode levar a uma negligência desse aspecto fundamental da educação. Nesse sentido, é interessante a distinção apresentada pelo autor de que a educação comporta diversos níveis, os quais o autor também especifica e descreve.

Uma curiosidade no livro, são as pequenas histórias que aparecem no início de cada seção de capítulos. Lembrando o estilo adotado por Nietzsche em textos como Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral e Assim Falou Zarathustra, o autor relata o que aconteceu no país chamado, ZILBRAS, quando determinadas mudanças na educação começam a ser propostas. Logo se vê que ZILBRAS se refere ao Brasil. Essas curiosas histórias não somente sintetizam as mudanças ocorridas na educação brasileira, na visão do autor, mas também, possibilitam uma visão distanciada, que de outra forma talvez não seria possível no discurso convencional. Um recurso engenhoso que confere momentos de leveza e arte durante a leitura do livro.

Por fim, convém destacar que o livro revela ser muito mais do que uma crítica à Paulo Freire ou a aplicação (equivocada) de suas ideias, representando mais do que isso numa tentativa de clarificação conceitual e articulação teórica de diversos elementos reconhecidamente fundamentais da educação. Sobre esses elementos o autor procura explicar as diversas concepções que foram assumidas no contexto da mentalidade pedagógica brasileira ao longo do tempo, mas também, oferecer um posicionamento crítico e, muitas vezes, original quanto a elas. Pontos que o livro analisa incluem: o papel da escola, o papel do professor e do aluno, as diversas definições de currículo, a

importância dos objetivos educacionais, as diversas dimensões ou níveis da educação, a interdisciplinaridade e seu problemas, e ainda, o ponto que faz jus à formação filosófica do autor, a importância da epistemologia para as discussões curriculares. Tudo isso, sem perder de vista o contexto da educação brasileira. Uma leitura altamente instrutiva e que, seguramente, faz pensar.

